BALANÇA COMERCIAL: UM NOVO RECORDE PARA O SETOR

ANDRÉ DIZ[1], FELIPPE SERIGATI[2], ROBERTA POSSAMAI[3]

O ano de 2022 foi bastante positivo para o comércio exterior do agronegócio brasileiro, com uma ampliação da corrente de comércio e um valor recorde em termos de superávit na balança comercial. Para 2023, apesar da expectativa de desaceleração da economia mundial – o que tenderia a segurar o crescimento das exportações do Brasil –, parceiros comerciais importantes, como a China e países do Oriente Médio, apresentam boas perspectivas de crescimento econômico.

ENTRE JANEIRO e dezembro do ano passado, de acordo com um levantamento do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro), o total das exportações do agronegócio atingiu US$ 162,8 bilhões, ao passo que a soma das importações totalizou US$ 55,0 bilhões, gerando um superávit comercial de US$ 107,7 bilhões – um crescimento (nominal) de 29,4% frente ao resultado de 2021 (US$ 83,3 bilhões).

A parte majoritária desse resultado foi gerada pelo desempenho do setor agropecuário, responsável por um saldo equivalente a US$ 69,5 bilhões (64,5% do saldo total), enquanto a agroindústria contribuiu gerando um saldo de US$ 37,5 bilhões (34,8%).

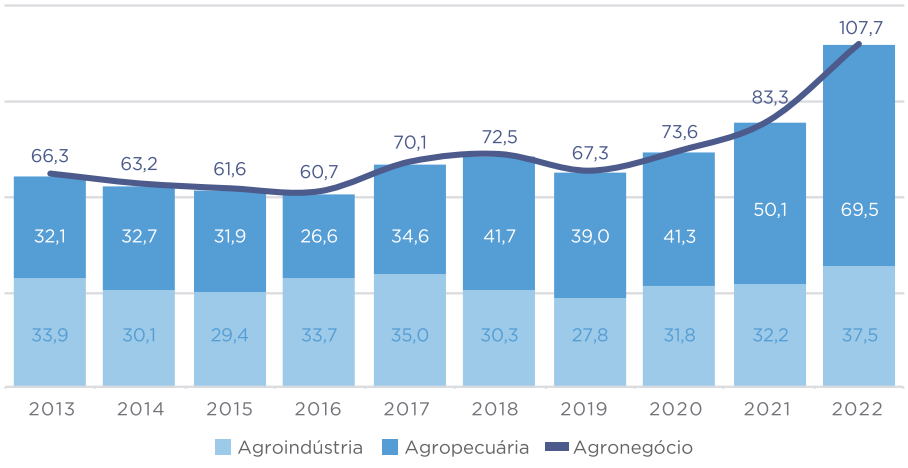
Esse crescimento do superávit da balança comercial do agronegócio brasileiro ocorreu em uma conjuntura bastante específica. Vale observar que o País foi capaz de expandir o valor das suas exportações (+31,4% frente a 2021) em um contexto de menor crescimento da economia mundial. Apesar de a maioria dos países ainda não ter divulgado os resultados consolidados do Produto Interno Bruto (PIB) para 2022, a última previsão do Fundo Monetário Internacional (FMI) estimava um crescimento da economia global na ordem de 3,2%, patamar muito inferior ao crescimento registrado em 2021 (6,0%).

O crescimento do saldo da balança comercial torna-se ainda mais relevante quando, observando os dados, nota-se que essa expansão do valor das exportações ocorreu para além de um simples aumento dos preços dos produtos exportados, uma vez que o *quantum* das exportações apresentou uma elevação de 12,9% (frente a 2021) para o agronegócio brasileiro. Entre os seus componentes, o crescimento do volume (milhões de toneladas) da agropecuária (+14,3%) foi superior à variação das vendas externas da agroindústria (+11,2%).

Outro aspecto que deve ser destacado, para além do crescimento das exportações em um cenário de desaceleração do crescimento da economia mundial, é que o preço das importações (+20,9% para o agronegócio) registrou um crescimento significativamente superior ao crescimento dos preços das exportações (14,8%) ao longo de 2022.

De toda maneira, o agronegócio foi capaz de gerar um superávit na balança comercial mesmo em um contexto de piora dos termos de troca, que ocorreu de forma mais acentuada para a agroindústria do que para agropecuária, uma vez que a diferença da variação entre os preços médios de exportação e importação da primeira foi de -32,1% entre 2021 e 2022, enquanto, para a última, a elevação dos preços das exportações (15,5% frente a 2021) foi próxima do encarecimento das importações (17,5%), resultando em uma piora de -2,0% nos termos de troca.

BRASIL: BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO
(US$ BILHÕES)



Fonte: SECEX

MUDANÇAS NA PAUTA DE EXPORTAÇÃO DO AGRO

De acordo com o levantamento do FGV Agro, as exportações do agronegócio brasileiro concentram-se em dez cadeias principais, que responderam, em 2022, por US$ 149,9 bilhões (92,8% do valor exportado). Essa significativa concentração mantém-se desde 1997, quando essas mesmas cadeias foram responsáveis por 89,4% do valor exportado pelo agronegócio nacional, totalizando US$ 21,5 bilhões. O complexo soja segue sendo a cadeia principal em termos de valor exportado, com US$ 60,8 bilhões (37,4%) do valor exportado em 2022. Na sequência, temos as carnes (US$ 25,7 bilhões – 15,8%), os produtos florestais (US$ 16,5 bilhões – 10,1%), os cereais (US$ 14,4 bilhões – 8,8%), o setor sucroalcooleiro (US$ 12,8 bilhões – 7,8%) e o café (US$ 9,2 bilhões – 5,7%).

A pauta de exportação do agro mudou bastante ao longo dos anos. Olhando os últimos 25 anos, destaca-se o ganho de participação do grupo de cereais, cuja representação nas exportações partiu de 0,4% (US$ 0,1 bilhão), em 1997, para 8,8% (US$ 14,4 bilhões), em 2022, saltando da vigésima para a quarta posição entre os produtos mais exportados. Carnes também ganharam espaço, saindo da sétima para a segunda posição. Por sua vez, perderam várias posições o café (da terceira para a sexta) e os couros (da quarta para a décima).

Olhando mais para trás, até 1985, o café foi o produto mais exportado pelo Brasil, com US$ 1,9 bilhão em vendas, seguido pelo açúcar (US$ 738 milhões), pela soja (US$ 592 milhões), pelo suco de laranja (US$ 549 milhões) e pela carne bovina (US$ 496 milhões).

PRODUTO	1997		2022	
	US$ bilhões	*Ranking*	US$ bilhões	*Ranking*
Complexo soja	5,6	1	60,8	1
Carnes	1,6	7	25,7	2
Produtos florestais	3,5	2	16,5	3
Cereais	0,1	20	14,4	4
Setor sucroalcooleiro	1,8	5	12,8	5
Café	3,1	3	9,2	6
Fibras e têxteis	0,9	9	4,2	7
Fumo e seus produtos	1,7	6	2,5	8
Sucos	1,1	8	2,2	9
Suco de laranja	1,0	-	2,0	-
Couros	2,2	4	1,7	10
Outros	2,9	-	12,9	-
TOTAL	24,3	-	162,8	-

Fonte: FGV Agro



Entre os produtos com maiores altas de preço para a importação ao longo de 2022, destacam-se: os produtos intermediários para produção de fertilizantes, com uma alta nos preços de 81,0%; os insumos, com uma alta de 69,0%; e os grupos de adubos e fertilizantes, com uma alta de 66,5%. Essa forte elevação de uma parte significativa dos custos de produção pressionou as margens de comercialização do setor agropecuário como um todo, com destaque para a produção destinada ao mercado doméstico, que não estava exposta ao crescimento dos preços de exportação.

Entre os destinos das nossas exportações, a China segue sendo o principal país, respondendo por 31,7% do total das exportações do agronegócio brasileiro (US$ 51,0 bilhões). Além disso, a União Europeia (15,3% – US$ 25,9 bilhões), o Oriente Médio (7,6% – US$ 12,4 bilhões) e os Estados Unidos (6,5% – US$ 10,6 bilhões) destacam-se entre os nossos principais parceiros comerciais.

Para 2023, por um lado, um menor crescimento da economia mundial (2,7%, segundo o FMI) tende a frear uma parte do crescimento das exportações brasileiras. Por outro lado, parceiros importantes como a China (4,4%) e países do Oriente Médio (3,6%) apresentam boas perspectivas de evolução da atividade econômica. Em termos de preços, as dificuldades da Argentina devem contribuir para uma pressão maior sobre os preços da soja e do milho, enquanto as exportações de carne bovina seguem sob as incertezas do caso de doença da vaca louca no Pará. Por fim, a taxa de câmbio deve seguir em um cenário instável, respondendo aos ajustes de política monetária ao redor do mundo e às incertezas fiscais da economia brasileira. ■

1 Pesquisador do FGV Agro – acosta.diz@gmail.com

2 Professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br

3 Pesquisadora do FGV Agro – roberta.possamai@fgv.br